



DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA À INQUISIÇÃO DECLARADA¹

FROM SYMBOLIC VIOLENCE TO DECLARED INQUISTION

Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek²
Nataniel dos Santos Gomes³

Resumo:

Durante algum tempo pensou-se que a face moderna do fundamentalismo se restringia a uma violência simbólica, quando muito discursiva. O objetivo deste artigo é demonstrar como a violência fundamentalista é percebida e sentida pela sociedade. No primeiro caso, mediante a aproximação entre a religião e a cultura de massa, especialmente as Histórias em Quadrinhos, para isso selecionamos a graphic novel “X-Men: Deus ama, o homem mata”, de Chris Claremont e Eric Anderson, publicada originalmente em 1982, como exemplo de violência percebida, simbólica, que além de trazer a representação do discurso fundamentalista levado às últimas consequências, evidencia a manipulação da religião e de sua linguagem. No segundo caso, o presente texto apresenta dois casos oriundos dos batistas brasileiros em que a violência foi sentida pela vigência da intolerância e do espírito inquisitório que se constituíram em bússolas da perseguição político-religiosa impetrada contra os líderes que ilustram tal condição.

Palavras-chave: Fundamentalismo. História em Quadrinhos. Claremont. Fosdick. Violência.

Abstract:

For some time it was thought that the modern face of fundamentalism was restricted to symbolic violence, at most discursive. The objective of this research is to demonstrate how fundamentalism violence is perceived and felt by society. In the first case, through the approximation between religion and mass culture, especially Comics, for this we selected the graphic novel “X-Men: God loves, man kills”, by Chris Claremont and Eric Anderson, originally published in 1982, as an example of perceived, symbolic violence, which in addition to bringing the representation of fundamentalist discourse taken to its ultimate consequences, highlights the manipulation of the religion and its language. In the second case, the present text presents two cases brought from the Brazilian Baptists, in which violence was felt due to the existence of intolerance and the inquisitive spirit that constitutes compasses for the political-religious persecution carried out against the leaders who illustrate this condition

Keywords: Fundamentalism. Comics. Claremont. Fosdick. Violence.

¹ Enviado em: 22.01.2025. Aceito em: 05.08.2025.

² Doutor em Ciência da Religião pela UFJF/MG. Pesquisador de Pós-Doc do PPG em Letras da UEMS com apoio de Bolsa CAPES. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: sdusilek@gmail.com

³ Pós-doutor em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020), Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007), Professor da graduação e da pós-graduação (Mestrado Acadêmico em Letras e Mestrado Profissional em Letras) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Professor da pós-graduação (Estudos de Linguagens) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos, membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e membro da Academia Brasileira de Filologia. Campo Grande, MS, Brasil. Contato: nataniel@uems.br

Introdução

O Brasil testemunhou nos últimos anos, mais especificamente a partir de 2016, a escalada de um tipo de violência com a qual ele estava desacostumado: a impingida por religiosos, em nome de uma tradição ou ainda de uma ideologia. Se é certo afirmar que o campo religioso brasileiro, conquanto não tenha experimentado toda a extensão das violentas Guerras de Religião que eclodiram na Europa nos séculos XVII e XVIII, e que ensejaram a reflexão sobre a tolerância religiosa por John Locke e Voltaire, registrou na disputa pelo mercado dos adeptos da fé uma animosidade entre o catolicismo romano instalado e os grupos do protestantismo de missão,⁴ parece também ser propício assinalar que certo autofagismo denominacional poucas vezes pôde ser tão notado quanto no último quadriênio.

Duas preocupações nortearam a produção deste texto: a primeira, a noção de que o fundamentalismo produziria tão somente uma disputa pela hegemonia do discurso religioso, sem outras implicações e consequências; a segunda, a indagação se o fundamentalismo protestante estaria circunscrito ao contexto estadunidense, ou ainda se seria algo historicamente datado e confinado ao século passado.

O fator que explica esse incremento da violência *intra corporis*, entre os próprios pares de um mesmo segmento religioso, cristão e protestante, é a emergência do fundamentalismo que se faz notar no protestantismo histórico a partir da influência e financiamento estadunidense. Por conta deste atrelamento, toda sorte de violência simbólica foi impingida a líderes que não coadunavam com uma “teologia da repetição sistemática”. A vigência de um ambiente de liberdade tão necessário para o desenvolvimento do pensamento teológico é preterido. Afinal, a busca é pela formatação das consciências visando uniformizar tanto o pensamento quanto o comportamento. A repetição, a formatação não demandam reflexão, tampouco liberdade para o pensar.

Este evidente descompasso entre o sistema político democrático da sociedade brasileira e o regime intolerante e persecutório que se instalou em diferentes denominações evangélicas no Brasil atual, conquanto tenha suas origens em uma matriz de pensamento de trincheira (anticatólica, anticomunista) e em uma compreensão equivocada do que seja o fundamento de uma democracia, pode ser explicado pelo projeto de ascensão da extrema direita ao poder, iniciado em 2016 com o *Impeachment* da Presidente Dilma Rousseff e contemplado com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Como ideologia política que possui um verniz religioso,⁵ o fundamentalismo enquanto extremismo religioso encontra no extremismo político seu irmão siamês. O resultado foi ainda mais violência, desta vez transpondo o limite do simbólico.

Mas de onde viria essa violência toda? Somente de códigos, dogmas, letramentos recheados de intolerância, ou teria algo a ver com a *psique* do indivíduo violento? Algo,

⁴ Conforme: AZEVEDO, Israel Belo de. **A palavra marcada**: teologia política dos batistas segundo O Jornal Batista. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1983. 404p. Ver também: SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. Salvador, BA: Sagga, 2024.

⁵ DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. A Resistência. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). **Fundamentalismo Religioso Cristão**. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021a. p. 117-135.

por exemplo, da sua experiência de vida que o predisponha, que o conecte a tais plataformas, discursos de ódio?

É neste ponto que se justifica a escolha da HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata*. Com roteiro de Chris Claremont e publicada em 1982, com ilustrações de Brent Eric Anderson,⁶ a HQ traz um retrato do recrudescimento do fundamentalismo e seu efeito na política americana. A história em questão foi publicada em formato de graphic novel, ou seja, são narrativas independentes que não exigem do leitor o conhecimento de décadas de cronologia e geralmente com focadas em temas mais “adultos” para um público mais maduro. É de bom alvitre ressaltar que no ano anterior Ronald Reagan tomara posse como Presidente dos Estados Unidos da América, após vencer o então candidato à reeleição Jimmy Carter, com apoio de denominações evangélicas, especialmente capitaneadas pela Maioria Moral de Jerry Falwell.⁷ O detalhe é que Carter era um dedicado diácono batista, enquanto Reagan não pertencia ao movimento evangélico.

Na perspectiva dos fundamentalistas daquele contexto, a administração Carter tinha impresso um caráter demasiado laico na condução do Estado Americano. A partir de um ressentimento de fundo sócio-religioso, criou-se um movimento para que a religião e os aspectos religiosos mais caros aos fundamentalistas pudessem voltar a ganhar força no espaço público. Não se tratava, por certo, de um incremento ao debate público, mas na supressão desse pela imposição das posições defendidas pelo fundamentalismo.

Necessário é destacar que essa ressurgência fundamentalista foi precedida por outro fenômeno evangélico: o televangelismo, especialmente na década de 1970. Claremont capta a radicalização do discurso, bem como o uso da mídia na sua propagação. Não por outro motivo o Coronel Stryker é apresentado como um televangelista que reúne em torno de si o que há de mais radical no fundamentalismo: o discurso da homogeneização social, implicando na repulsa ao diferente, tipificado nos X-Men; e o racismo tipificado nos irmãos Mark e Jill, crianças negras e mutantes que foram perseguidas por um destacamento de Stryker sob a alcunha de “purificadores”.⁸ Quando Jill pergunta o porquê da morte de seu irmão Mark, a resposta é cabal: “porque vocês não têm direito de viver”.⁹ Palavra esta aposta sobre a morte de duas crianças negras.

O autor capta o incremento da violência em seu tempo. Ora, quando a fé cristã, quando o ensino de Jesus de Nazaré é deturpado tornando o cristianismo em uma força opressora e violenta; quando a religião se torna abonadora de crimes e promotora de perseguições e mortes, o potencial para a violência na sociedade como um todo tende a escalar. Claremont enxergou a instrumentalização da fé cristã para a erradicação do diferente, exemplificado na figura dos mutantes.

Com uma felicidade ímpar, a HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* aponta para uma conexão entre um trauma emocional, um ressentimento e a adoção de uma perspectiva fundamentalista. O fundamentalismo necessita do solo do ressentimento para crescer. Na referida HQ, Stryker estampa a trágica junção entre tragédia pessoal, ressentimento e o desembocar no violento uso da religião.

⁶ CLAREMONT, Chris. *X-Men: Deus ama, o homem mata* – edição estendida / roteiro por Chris Claremont; arte por Brent Anderson; tradução por Érico Assis. Barueri, SP: Panini Brasil, 2023.

⁷ DIAS, Ivan; BARBOSA, Wilmar. *Religião e Política nos Estados Unidos: Jerry Falwell e a presença do fundamentalismo evangélico no espaço público americano*. Curitiba: Prismas; Appris, 2019.

⁸ CLAREMONT, 2023, p. 13-14.

⁹ CLAREMONT, 2023, p. 14.

O objetivo deste artigo é triplo: primeiro, apresentar como se processa a sugestiva inter-relação entre fundamentalismo e violência a partir da HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata*; segundo, evidenciar que o fundamentalismo de corte protestante/evangélico embebe formas de violência que não se limitam às práticas discursivas e aos embates pelo poder, extrapolando o campo conceitual e ganhando expressão histórica em fatos, pessoas, ameaças e ataques. Neste ponto, apresentaremos dois casos recentes de violência fundamentalista dirigida a pastores não alinhados com o projeto extremista de domínio do espaço público brasileiro à guisa de ilustração; terceiro, mostrar que o fundamentalismo não restringe sua violência à abordagem textual; o terceiro, sublinhar a extensão da investida fundamentalista no Brasil.

Não se trata portanto de uma abordagem teórica sobre o fundamentalismo,¹⁰ nem sobre a pertinente discussão conceitual sobre a existência de fundamentalismo (singular) ou fundamentalismos (plural). O propósito do texto trata, como vimos anteriormente, do descortinar, do desvelamento do fundamentalismo na sua forma mais cruenta. O texto também serve como um exemplo de que o mito do brasileiro cordial foi resultado de uma construção com uso desmedido da força e da dominação,¹¹ tornando a onda fundamentalista em canal de liberação desse ressentimento racial e social até então recalcados.

A escolha de uma HQ tem um componente pedagógico: a visualização da conhecida série X-Men, mais especificamente do personagem que exerce o antagonismo em relação aos mutantes, pode ser útil para a mediação trazendo à consciência aquilo que ela, por seus mecanismos de defesa, nega fazer. Nem todo adepto do fundamentalismo tem plena consciência do que ele aderiu. Ao se identificar com os heróis mutantes e condenar Stryker, aquele que se opõe a eles, abre-se uma fissura na rígida moldura fundamentalista, possibilitando o desprendimento de tal sistema.

¹⁰ Sobre o fundamentalismo e pensamento dogmático, recomendamos as seguintes leituras: ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; ARMSTRONG, Karen. **A Bíblia: uma biografia**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012; SCHLEGEL, Jean Louis. **A lei de Deus contra a liberdade dos homens: integristas e fundamentalismos**. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009; SCHELLING, F. W. J. **Sobre o Dogmatismo e o Criticismo**. Trad.: . São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores. p.7-35; DREHER, Martin N. **Para entender o fundamentalismo**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002; CASTRO, Alexandre de Carvalho. **A Sedução da Imaginação Terminal**. Uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano. Rio de Janeiro: IERSAL, Horizontal Ltda, 2003; ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Edições Loyola, 2004; BURITY, Joanildo. Antes de pensar a relação entre Fundamentalismo e Democracia. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 919-923, set./dez. 2020; ROCHA, Daniel. **Fim dos tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980)**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; ALMEIDA, Luiz Boccato de; SILVA, Lúcia Silva Ferreira da; MARTINS, Mario Roberto de M. **Novos Ventos de Fundamentalismo Religioso no Brasil: Colonização midiático-digital na formação da consciência**. **REB – Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, volume 81, número 318, p. 08-29, jan./abr. 2021; CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). **Fundamentalismo Religioso Cristão**. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021; CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e a ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação**. Salvador (Bahia): Koinonia Presença Eumênica e Serviço, 2020; TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020; GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela (Organizadores). **As configurações das identidades em tempos de intolerância e fundamentalismos**. 1. ed. Foz do Iguaçu, PR: CLAE e-Books, 2021; RIÈSEBRODT, Martin. *Pious Passion: The Emergence of Modern Fundamentalism in the United States and Iran*. Translated from the German by Don Reneau. Los Angeles: University of California Press, 1998.

¹¹ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

O que estamos tentando dizer é que a visualização das imagens contidas nesta HQ representam um convite à quebra dos mecanismos de defesa de um cogito quebrado,¹² se constituindo em importante meio de mediação para a autocompreensão. Se não é possível ter uma plena autoconsciência, se a consciência precisa de mediação para se enxergar e perceber a realidade circundante, é na arte que tal espelhamento do *self* se mostra com todo vigor.

Outrossim, ao trazer à baila a temática da ação fundamentalista, retomamos o objetivo de traçar um paralelo com um estranho movimento que assola diferentes denominações evangélicas do Brasil, e que trata da perseguição de lideranças por divergência ideológica, política. Sua vinculação com o fundamentalismo pode ser indicada pela identificação com sua agenda anticomunista, processo este que acaba por demonizar a esquerda. Se em um primeiro momento, a arte imitou a vida (por ocasião da escrita da HQ), em um segundo momento a vida está imitando a arte.

Uma vez que a HQ supracitada se enquadra como exemplo de ação fundamentalista espelhada em seu roteiro e nas suas ilustrações, tencionamos também apresentar como esse fundamentalismo agiu recentemente no Brasil. Neste sentido, apesar de vários casos de expurgo de lideranças que vêm ocorrendo desde 2016, localizaremos nossa ilustrativa análise dentro do âmbito da Convenção Batista Brasileira (CBB) a partir de dois casos que repercutiram. O propósito visa enraizar na realidade histórica recente do que nos parece ser um movimento de caráter inquisitório (porque religioso) e de corte fundamentalista que se instalou no país.

Um ponto mais precisa ser considerado. Uma possível objeção apontando as diferentes realidades, a saber, a estadunidense e a brasileira, poderia inviabilizar a aproximação entre uma HQ estadunidense e os acontecimentos no seio do movimento evangélico no último quadriênio. Cabe lembrar que o movimento evangélico no Brasil é em muito devedor e dependente do evangelicalismo estadunidense. Há uma espécie de relação caudatária do movimento evangélico brasileiro em relação ao movimento evangélico estadunidense. O resultado? Reproduz-se aqui o que primeiro aconteceu, passou por lá. Inclusive, como pode ser visto neste artigo.

Um Percurso Metodológico

Pretendemos, nessa seção, apresentar uma breve perspectiva sobre as pesquisas que relacionam religião e quadrinhos no campo dos estudos de religião no Brasil, buscando em dissertações e teses que apresentam as palavras-chave “quadrinhos” e “religião”. De forma nada exaustiva, além disso o levantamento traz na produção científica de artigos e livros por pesquisadores brasileiros. O levantamento feito indica uma tendência, um sintoma: alguns gêneros textuais, como as histórias em quadrinhos, objeto de estudo desse artigo, parecem ainda não ser uma “expressão do sagrado” digna de reflexão mais substancial por parte da área em questão.¹³ A fim de fundamentar melhor essa última afirmação podemos exemplificar da maneira a seguir.

Primeiramente, na região Sul, o caso específico do Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST – Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, há

¹² RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações**: ensaios de hermenêutica. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

¹³

uma dissertação de mestrado com foco mais autoral intitulada *Mídias sociais: um espaço para a evangelização utilizado pela igreja evangélica assembleia de deus no amazonas*, de Israel da Costa Carvalho, defendida em 2016, no mestrado profissional em Teologia.

O segundo exemplo vem da região Sudeste, onde há maior concentração de Programas de Pós-Graduação. Encontramos na PUC São Paulo a dissertação de mestrado em Ciências da Religião *O soldado do inferno – um estudo sobre a simbologia mítico-religiosa do herói em quadrinhos Spawn*, de Cristina Levine Martins Xavier, de 2003.

Na região Centro-Oeste destacamos o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, com duas dissertações que fizeram essa interface entre quadrinhos e religião, a primeira de Antônia Aparecida da Silva Lemes intitulada *Camelot 3000: Observações sobre a representação religiosa*, e *Uma análise sobre a linguagem nas tiras do Capirotinho de Guilherme Infante*,¹⁴ de Katherine Cristine Costa Camargo, ambas de 2022.

Na região Sul, encontramos a tese de doutorado em Letras de Donizete Aparecido Batista, intitulada *Entrelaçamento discursivo em quadrinhos publicados na internet: humor, religião e sexualidade*, de 2016, na Universidade Federal do Paraná.

A produção de livros que fazem a interface entre quadrinhos e religião ainda parece ser bastante tímida. Encontramos os seguintes livros acadêmicos, que são coletâneas de textos de pesquisadores brasileiros: *Quadrinhos, Linguagem e Religião: Diálogos (Im)possíveis* e *Animando as Mangas II: Linguagem, Religião, Mangás e Animês*, ambos organizados por Nataniel dos Santos Gomes e Leonardo Gonçalves de Alvarenga, *Religiosidade nas histórias em Quadrinhos*, organizado por Amaro X. Braga Jr e Iuri Andréas Reblin, *O planeta diário: rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia*, de Iuri Andréas Reblin.

Ainda na produção acadêmica que realiza essa interface encontramos diversos pesquisadores que realizam a interface dos quadrinhos com a religião, seja publicando em capítulos de livros ou em artigos acadêmicos, tais como Nataniel Gomes (UEMS), Iuri Reblin (EST), Ruben Marcelino (EST), Carlos Caldas (PUC Minas), Marcelo Carneiro (Umesp), Leonardo Alvarenga (UEPA), Daniel Lucas (SEDUC-PA), Gustavo Soldati (ARTEMI/UEPA), Suellen Cordovil (UNIFESSPA) e Elcio Sant'Anna (UNIDA).

Certamente que há a necessidade de um levantamento mais criterioso. É bem possível que temas relacionados ao diálogo entre religião e quadrinhos estejam em muitos outros produtos acadêmicos. Porém, essa pequena amostragem, em termos qualitativos, aponta para um sintoma: os poucos textos que problematizam as relações entre quadrinhos e religião. Ainda que há algumas pesquisas, sejam autorais ou não, em que o objeto central é a quadrinhos, inclusive não religiosa enquanto expressão do sagrado. Mas o diálogo com os quadrinhos, precisa ser melhor explorado.

O Rastro do Fundamentalismo

¹⁴ Recentemente, em julho de 2024, Guilherme Infante teve sua participação cancelada em evento literário na cidade de Alfenas (MG) por conta de um grupo fundamentalista que atribuiu a ele a pretensa satanização das crianças, em virtude de sua principal tirinha ser do personagem que ele criou chamado *Capirotinho*. O paradoxo é que as falas do Capirotinho estão próximas do Evangelho do Reino, ensinado por Jesus de Nazaré. Conforme: <https://revistaforum.com.br/cultura/2024/7/11/capirotinho-artista-mineiro-censurado-em-festa-literaria-de-alfenas-apos-ataques-de-pre-candidato-do-pl-161911.html> Acesso em 21/01/2025 às 23.22hs.

O fundamentalismo nasce protestante, especialmente entre batistas e presbiterianos estadunidenses ainda na década de 1910, conquanto pareça só ter sido nomeado e reconhecido assim na década seguinte no informativo “Watch-examiner”.¹⁵ Sua motivação residia na recuperação do espaço e da relevância social perdido pela religião em face do desenvolvimento da Ciência e da Política. O sentimento era de escanteamento por um lado e de perplexidade por outro, pelo tom invasivo das novas descobertas e soluções que atingiram o modo de se fazer teologia. A questão principal a ser restabelecida, segundo os fundamentalistas, era o reassentamento da autoridade bíblica, a qual, segundo a percepção de tal grupo, havia sido solapada pelo diálogo e inserção dos avanços e descobertas científicas que resultaram em um profícuo (para nós) criticismo bíblico.

Ressalta-se aqui que a contribuição crítica sobre a literatura bíblica encontra respaldo, segundo o próprio Paul Ricoeur, no texto escriturístico. A Bíblia é um convite ao exercício crítico, não devendo ser surpresa para nenhum acadêmico de teologia que o avanço das ciências, inclusive da hermenêutica, implicasse em uma abordagem do texto diferente daquela que emerge do fiel piedoso, alcunhada por Ricoeur de “primeira ingenuidade”.¹⁶

Ainda sobre a hermenêutica bíblica, importa salientar que, para Harry Emerson Fosdick,¹⁷ o problema não estava no avanço do conhecimento humano. Antes, residia em duas frentes: no próprio conteúdo querigmático que ao invés de focar sua abordagem em Deus e nas questões e dramas da existência humana, tinha se voltado para uma abordagem mística, oferecendo respostas miraculosas para insolúveis problemas; e em uma hermenêutica bíblica que estava mais apegada a uma tradição da leitura escriturística, do que no seu próprio processo de fazimento, ocasionando um descompasso com as descobertas científicas. Para Fosdick,¹⁸ a ciência jogava luz sobre o texto bíblico, ensejando dos clérigos, dos intérpretes bíblicos, uma nova aproximação do texto, mediante o empreendimento de um esforço hermenêutico.

Ora, não é negando os avanços científicos, as melhorias sociais e conquistas do sistema político, que a religião, especialmente parte dela que se sentiu preterida, voltaria naturalmente a ter seu papel reconhecido. Se a tentativa é de conquistar o espaço perdido, o caminho mais natural deveria ser o do diálogo. A sociedade tem especial interesse em ouvir o que a teologia tem a dizer, notadamente em áreas fronteiriças do campo da bioética. Bons teólogos são lidos para além da disciplina teológica e das cercas religiosas ou denominacionais.

Ao invés de trilhar o caminho que seria mais natural, o fundamentalismo opta por resgatar a importância religiosa pela via da violência. O processo se torna impositivo. O percurso, detalhado por Gary North¹⁹ é o de usar a democracia para implantar uma ditadura religiosa baseada no Primeiro Testamento bíblico, através de três frentes de ação: a) a educacional, especialmente via *homeschooling*, preparando as consciências das futuras gerações visando a normalização de uma sociedade “teonomista”²⁰ quando de

¹⁵ ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁶ Ricoeur, 1978.

¹⁷ FOSDICK, Harry Emerson. **The Modern use of the Bible**. New York: The Macmillan Company, 1961.

¹⁸ FOSDICK, 1961.

¹⁹ NORTH, Gary. The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right. In: James B Jordan. The Failure of the American Baptist Culture. **Christianity and Civilization**. N° 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 1-40.

²⁰ Que neste caso deve ser compreendida como conformada à lei mosaica.

sua implantação; b) a legal, por meio do uso da lei e de expedientes de *lawfare* visando conquistas parciais de espaço, bem como exercício da contestação e do debate no espaço público; c) conversão, proselitismo para que, uma vez alcançando a maioria populacional, a democracia seja usada pela última vez visando sua aniquilação pelo voto, ao eleger um projeto de poder teocrático. Uma vez a teocracia instalada, segue a violência da imposição de suas normas e dogmas para todo o corpo social.

Este movimento já pode ser sentido no Brasil, tanto no protestantismo histórico, quanto no pentecostalismo e suas variantes. Sua primeira mais forte inserção, especialmente entre os batistas brasileiros, se deu na década de 1980. Uma vez que o protestantismo se organizou sob o conceito da verdade²¹ torna-se relativamente simples perceber o foco primeiro de ataque do fundamentalismo: os seminários e faculdades de teologia onde a liderança das igrejas são preparadas.

Com um corpo docente destacado que circulava entre diferentes universidades tanto no Grande Rio de Janeiro quanto na região metropolitana de Recife, além de manter diálogo com professores de outras casas teológicas por meio dos encontros da ASTE (Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos), os Seminários do Sul (STBSB) e do Norte (STBNB), foram elencados como alvo primeiro dessa inserção. Após pressão, seus reitores pediram para sair e seus principais docentes foram retirados ou acabaram se retirando.²²

Ocorre que as peças de substituição do corpo docente resvalaram naqueles que foram alunos dos professores que foram expurgados, o que inviabilizou uma configuração fundamentalista nesse primeiro momento, nesta primeira onda.

A partir dos anos 2000, com a mudança da declaração doutrinária da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos e sua compulsória assinatura determinada à liderança e aos missionários, um novo ciclo de investimentos especialmente capitaneados pela *Founders Conference* (depois *Founders Ministries*) se fez sentir no Brasil.²³ Trata-se da segunda onda fundamentalista. A tônica agora mudara: não mais centralizar esforços nos grandes seminários onde podia encontrar resistências, mas focar nas lideranças pastorais de igrejas por meio de conferências nas quais uma teologia colonial seguia sendo repisada, ou ainda na interiorização dos encontros por meio das chamadas "clínicas de pregação expositiva". Nestas clínicas se realiza uma doutrinação fundamentalista, especialmente no reforço do que seria o caráter inerrante da bíblia.

A vantagem dessa inserção direta para o propósito fundamentalista é que por duas décadas líderes foram inseridos no seu *mainframe* sem que esse trabalho, que visava insuflar a estrutura denominacional pudesse ser notado, justamente porque ele ocorria fora da captação das ondas do radar. Não por outro motivo, quando o fundamentalismo mostrou sua face em sua aliança com a extrema direita política para as eleições de 2018, momento que marcou a terceira onda com a chegada da *Capitol Ministries*²⁴ e a ativa participação da *Global Kingdom Partnership Network* (GKPN),²⁵ a

²¹ ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

²² DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. SECARAM O OÁSIS: Gestões e In-digestões da res Batista no caso e o caso do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 44, p. 180-206, 2018.

²³ CASTRO, Alexandre de Carvalho. **A Sedução da Imaginação Terminal**: Uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003.

²⁴ Com foco no lobby junto a parlamentares no Congresso Nacional, especialmente os que compõem a Frente Parlamentar Evangélica, visando atuação em pautas caras ao fundamentalismo como as que legislam sobre o aborto.

reação empreendida foi tida como extemporânea, prescrita e, por esta razão, tornou-se proscri²⁶. O único impacto positivo empreendido por grupos que resistiram foi o de criar testemunhos históricos, de produzir vestígios para que historiadores no futuro identifiquem a resistência ao massificador movimento que levou um deputado do baixo clero ao cargo de maior mandatário da nação.

Esta onda fundamentalista não ficou restrita aos batistas da CBB. Metodistas, presbiterianos e luteranos da IECLB também sofreram seu impacto, em maior ou menor grau. Um aspecto sintomático pode ser visto nas mudanças impingidas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UESP (Universidade Metodista de São Paulo), como também no fechamento de similar programa na Universidade Mackenzie. A política também foi invadida pela singularidade religiosa. Votar deixou de ser, para muitos, uma escolha, uma opção democrática, um exercício de cidadania, e passou a ser uma profissão de fé, de crença. Desta feita, a opção em determinado candidato passou a ser lida como uma heresia, como uma apostasia. É a passagem da política para a religião, como aponta João Cezar de Castro Rocha,²⁷ fenômeno este também notado no nazismo, segundo Klaus von Schirach. Para Schirach, “a melhor forma de compreender o nacional-socialismo é vendo-o do ponto de vista de uma religião (...) Apenas isso explica a massa de seguidores incondicionais”.²⁸

O Fundamentalismo e a arte sequencial

O campo de atuação do fundamentalismo não ficou restrito na esfera religiosa-denominacional. Ele também alcançou a arte sequencial de duas principais maneiras: por meio da sua inserção na narrativa construída, quando ele captura, ou melhor, é captado pela arte, o que pode ser particularmente visto na HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata*,²⁹ e quando sua própria representação é atingida por variações que não estavam contempladas no seu roteiro original.

Nosso primeiro destaque, então, se volta ao personagem Noturno. Seus traços o identificam com o imaginário popular voltado para o demônio. Entretanto, sua composição como personagem apresenta uma densidade no paradoxo que encarna: Noturno é de longe o mais religioso e bondoso de todos os X-MEN. A crítica à religiosidade cristã é evidente: ao invés de promover o acolhimento irrestrito, o cristianismo acaba exercendo a acepção de pessoas. Se a espiritualidade do Noturno cativa, aproxima, sua aparência causa repulsa principalmente em religiosos. Claremont reescreve assim, o ensino bíblico popularizado no dito: “quem vê cara, não vê coração”, passando a ser “quem vê cauda, não vê coração”.

<https://apublica.org/2019/08/os-pastores-de-trump-chegam-a-brasilia-de-bolsonaro/> Acesso em 21/01/2025, às 23:49hs.

²⁵ Com foco em lideranças de grandes igrejas, cujos pastores se tornaram influencers.

²⁶ DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Os Batistas da Convenção Batista Brasileira e as eleições de 2022: Um Caminho de Difícil Retorno. In: DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise. **A Noiva sob o Véu**: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas eleições de 2022. Rio de Janeiro: Menocchio, 2024b. p. 21-60.

²⁷ ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico**: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

²⁸ SCHIRACH, Klaus von. In: LEBERT, Norman & Stephan. **Tu Carregas Meu Nome**: a herança dos filhos de nazistas. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 196.

²⁹ CLAREMONT, 2023.

O encontro entre Stryker e Noturno que a imagem selecionada abaixo mostra, se dá por ocasião do embate, em uma de suas cruzadas, entre Stryker e os X-Men. Noturno é usado como exemplo do que não poderia ser considerado humano, por conta de seu aspecto físico.

Ocorre nas primeiras edições (publicadas no Brasil em 1988, 2003 e 2014, respectivamente) a cauda do personagem foi retirada, como pode ser visto abaixo em sua comparação com a edição de 2023:

Imagem 1: Noturno sem cauda.³⁰

Imagem 2: Noturno com cauda.³¹



As patas de cabra, outro traço físico atribuído ao "coisa ruim", como diria Guimarães Rosa, foram mantidos, possivelmente como modo de caracterização da mutação do noturno, uma vez que suas orelhas não podem ser visualizadas, tampouco sua capacidade de desaparecer seria bem-vinda nesse momento de representação quando o pregador Stryker o enquadra em sua acusação. Neste sentido, a não caracterização nas edições de 1988 e 2014 do Noturno como um personagem dotado de cauda nesta figura, nos pareceu ser uma opção, uma adaptação que culminou em uma acomodação da representação do personagem. Sua representação nas demais aparições da mesma obra preserva a sua cauda, conquanto não seja possível perceber o destaque.

Quanto a possível alegação sobre um possível esquecimento, sobre o descuido do artista em sua reprodução, entendemos que só se aplicaria como um ato falho, como uma ausência que se explicaria por uma condicionante psíquica, reforçando ainda mais o argumento que ora esboçamos. É importante salientar que o artista em questão não tem o costume de cometer equívocos grosseiros.

Parece-nos cabível olhar para esta falha não só na perspectiva do mercado que gera malabarismos editoriais, mas sobretudo como violência simbólica. Quando o traço mais marcante de um personagem é alterado, percebe-se que, a gestão de uma guerra cultural³² mantida pelo fundamentalismo que promove a violência, transpõe as barreiras do real, chegando à ficção. Poucas coisas aparentam ser tão violentas quanto amputar um personagem de ficção.

³⁰ CLAREMONT, 1988.

³¹ CLAREMONT, 2023, p. 69.

³² DIAS; BARBOSA, 2019.

O fundamentalismo tem esta característica de exercer uma pressão social sobre publicações que ele incorpora ao seu *Índex*. Editoras passam então a avaliar possíveis publicações a partir do potencial de rejeição do autor, ou das suscetibilidades que uma obra pode criar, e não mais pela qualidade do texto ou mesmo da pesquisa.³³

Esta pressão traduzida muitas vezes em restrição de mercado pela prática do boicote da marca ou do produto explica a ausência da referência do Coronel Stryker como sendo na verdade um televangelista. No filme *X-Men 2*³⁴ sobram menções à formação e passado militar do Stryker. Todavia, não há qualquer ilação sobre seu posto de televangelista, marca presente na HQ que adotamos como parte do instrumental de análise e que inspira o roteiro do filme.

A ausência desta menção retira das telas de cinema a grande sacada do argumento da obra na composição do personagem, e que explica seu sucesso em termos de mobilização das massas, de conquista da simpatia popular. Stryker sintetiza, na sua origem, os dois principais núcleos usados por Sigmund Freud para tipificar a psicologia das massas: a igreja e o exército. Com a emergência do nazismo na Alemanha, Freud interrompe sua pesquisa para analisar aquele fenômeno sócio-político. Ele constata que tanto os militares, quanto os fiéis das igrejas, eram mais facilmente manipulados por uma liderança libidinal. Quase um século depois, a recente realidade do Brasil mostrou similar associação.

Na representação a seguir é possível ver Stryker em uma concentração em um grande ginásio. Sua fala se dá atrás de um púlpito para milhares de pessoas presentes. A cobertura midiática também é massiva. Importa ressaltar a crítica a mensagem propagada pelos televangelistas estadunidenses, como sendo uma retórica de morte e não de vida.

Imagem 3: Embate no estádio entre Stryker e Magneto.³⁵

³³ A censura pode ser pública, como aconteceu com o silêncio obsequioso impingido a Leonardo Boff no início da década de 1980 em virtude do seu livro *Igreja, carisma e poder*; pode ser por uma antipropaganda de alguma obra, como Mônica Bergamo (2022) registrou em sua coluna na Folha de S.Paulo; ou ainda na recusa deliberada em publicar um material, mesmo após sua aprovação, fato este que ocorreu com o professor Sérgio Dusilek a partir da iniciativa do editor de uma das revistas da UESP, o qual se recusou a publicar um texto após a aprovação que seguiu o padrão duplo-cego de avaliação, cujos documentos probatórios estão em posse do autor.

³⁴ SINGER, Brian (direção). *X-Men 2*. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2003. 134 min.

³⁵ CLAREMONT, 2023, p. 63.



³⁶ Conforme: CASTRO, Alexandre de Carvalho; DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; SILVA, Cleimir Fernandes da. Identidade Social, Mídia televisiva e construção histórico-cultural da Memória Coletiva: o caso de um movimento sócio-religioso no Brasil. **Religiao & Sociedade**, v. 36, p. 74-102, 2016; e: FAJARDO, Alexander. Fanini: pastor, empresário de mídia e amigo dos militares. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Bôas do; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; SOUZA, José Roberto de. (Organizadores). **Lideranças protestantes no Brasil: ensaios biográficos**. Recife: Editora UFPE, 2015. p. 303-323.

Encarado como instrumento de blindagem contra o comunismo (Azevedo, 1983) as cruzadas evangelísticas capitaneadas pelos principais televangelistas, bem como os planos de evangelização que visavam a conversão em massa da população à fé evangélica, se tornaram instrumentos da política externa estadunidense para evitar que novas "Cubas" surgissem no sul global, especialmente no quintal dos Estados Unidos, como era vista a América Latina.

Dois eixos principais movimentavam essas pregações e campanhas. O primeiro, marcado por uma pregação anticomunista, por uma rejeição da proposta que vinha do oriente. O segundo, na ênfase individual estrangulando qualquer possibilidade de transformação social que não passasse pela noção do ajuntamento de indivíduos convertidos. O evangelho do Reino no Brasil foi reduzido a um apelo, a um convite individual.

Ao negar-se a reproduzir o personagem Stryker como um ex-militar convertido a televangelista do ódio, o filme *X-Men 2* atesta a influência do fundamentalismo e da figura de televangelistas como Billy Graham na sociedade estadunidense, bem como o receio de seu produtor com a reação do público, se uma vez fosse mantida a caracterização original encontrada na HQ.

A violência textual foi mantida como marca do perseguidor dos mutantes. O discurso de ódio, de não aceitação do diferente, este foi preservado em Stryker, assim como o conteúdo principal de sua cruzada: a eliminação dos mutantes. Os mutantes podem ser vistos como uma metáfora da diversidade, a mesma que causa incômodo na hermética cosmovisão fundamentalista. No entanto, o traço de imediata conexão com o religioso, esse foi apagado. Note bem: na representação abaixo há a plena identificação de Stryker com o fundamentalismo. A negação da possibilidade da evolução das espécies, a recusa no estudo da Teoria de Darwin, foram marcas exploradas na segunda década do século XX, publicizadas pelo rumoroso caso Scopes, também chamado de *The Monkey Trial*.³⁷ A tipificação do diferente como "monstro" aponta para esse elemento de ódio presente no discurso fundamentalista. A desqualificação é o instrumento que mantém a coesão do discurso e da defesa da uniformidade, diante de um flagrante e visível caso em que esta padronização não poderá ser mantida. O descarte se apresenta, então, como algo a ser cultivado para a manutenção do sistema dogmático.

Imagem 4: Stryker negando a evolução.³⁸

³⁷ CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). **Fundamentalismo Religioso Cristão**. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021.

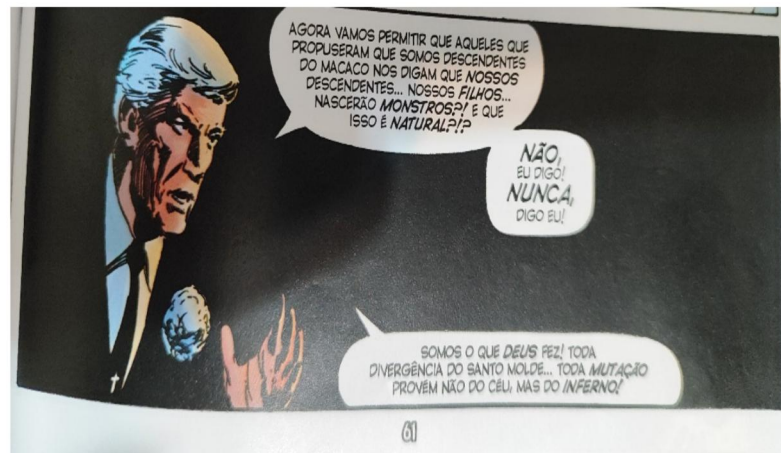
³⁸ CLAREMONT, 2023, p. 61.



Não é por outra razão que os divergentes e as minorias são submetidos a toda sorte de violência e cancelamentos. A potencialização de tais atos se torna mais grave porque é feita em nome de Deus o que, discursivamente, empresta um salvo conduto aos algozes. O emprego de termos bíblicos dentro dos vaticínios odientos traz consigo a sombra do divino, introjetando na alma daqueles que são atacados a marca de Caim, personagem escriturístico. Tal forma discursiva é muito bem retratada na tira abaixo:

Imagem 5: Stryker condenando toda mutação.³⁹

³⁹ CLAREMONT, 2023, p. 61.



A HQ *X-Men: Deus ama, o homem mata* traz mais um aspecto que, na discussão sobre o fundamentalismo e seus impactos, poucas vezes se tornou tão visível em uma representação. Ao abordar o surgimento da vocação cruzadista de Stryker, Claremont desnuda toda a violência e projeção que habita dentro de um extremista. Tal desvelamento é feito com traços marcantes, chocantes: Stryker é capaz de matar seu filho e sua esposa, em nome de seu dogma, como pode ser visto na sequência de tiras abaixo:

Imagens 6, 7, 8: acidente que provoca a virada de Stryker.⁴⁰



⁴⁰ CLAREMONT, 2023, p. 43.



O retrato da ficção imita a realidade: o extremismo religioso não poupa nem os membros da própria família ao transgredir o sagrado limite da família, em nome de uma divindade que se mostra preocupada com o que seria um controle de qualidade. Uma divindade neoliberal atenta a critérios de perfeição nada tem de cristã, e tampouco conhece o processo de desenvolvimento dos personagens da literatura bíblica os quais, segundo Erich Auerbach,⁴¹ destoam da literatura clássica grega justamente por estarem sujeitos a um processo de modelagem. Os personagens bíblicos são apresentados com suas imperfeições e fraquezas, ao contrário dos gregos que representavam a perfeição.

Em parte, esta diferença literária pode ser explicada justamente pelo prisma teológico, pela relação com o divino. O herói grego, via de regra, representa uma síntese do divino com o humano, quando não pelo nascimento, pela missão que lhe é dada. Ele nasce herói.

O personagem bíblico, por sua vez, é tornado herói: da sua resposta e da sua fidelidade ao chamamento divino dependem sua elevação na trama. Tal construção narrativa é proposital pois ao mesmo tempo que mantém a distinção entre o humano e o divino, permite cumprir um propósito do enredo bíblico, qual seja, de mostrar Deus através dos feitos, das realizações dos personagens.⁴²

Neste sentido, a HQ que utilizamos neste ponto parece sugerir, em nome de Deus, uma inversão do padrão bíblico de construção de personagens, tipificando o enquadramento fundamentalista. Ao invés da diversidade presente nos dois Testamentos,

⁴¹ AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.

⁴² A Contribuição Estética de Erich Auerbach para a Recepção da Literatura Bíblica e para as Histórias em Quadrinhos. IN: SIMÕES, Darcília; GOMES, Nataniel. Ensino de línguas e histórias em quadrinhos. **Jornada 5**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dialogarts 2021b. p. 92-129.

inclusive no aspecto da distribuição carismática, tem-se a tentativa de padronização. Na bíblia, que Stryker não lê porém recita, se lhe fosse permitido, ele possivelmente amputaria personagens e narrativas. Não é isso que o discurso fundamentalista promove com excelência?

Uma vez experimentado o autoflagelo imposto pelo aniquilamento familiar, a violência passa a não conhecer limites. Não há mais espaços para sutilezas, como veremos adiante. Quando adolescentes mutantes são perseguidas, cercadas e mortas a sangue-frio, pela milícia paramilitar de Stryker, não há mais espaço para estranhamento de tamanha crueldade.⁴³ Eis um dos maiores legados do discurso fundamentalista: a normalização da violência.

A Violência fundamentalista no âmbito da CBB

Na passagem da ficção para a realidade, como espelho da evidência de uma violência que ultrapassou os limites discursivos, escolhemos particularizar a CBB como estudo de caso. Trata-se da abordagem do segundo objetivo proposto, qual seja, mostrar que a violência fundamentalista ganhou um contorno prático, vivencial. Se anteriormente vimos como as ondas de investimento fundamentalista estadunidense incidiram sobre a estrutura denominacional do movimento batista, agora mostraremos como os traços da violência do discurso fundamentalista são passíveis de representação não só em HQs, mas sobretudo em uma dirigida violência contra atores históricos, tanto em sua forma simbólica (como nos cancelamentos, por exemplo), quanto na sua forma declarada, visualizada e percebida em ameaças e sanções.

A escolha pelo foco em dois atores se dá pela sua representatividade. Ambos os casos são compostos por líderes que já tiveram grande trânsito denominacional. A representatividade do primeiro se deve especialmente ao seu status de influencer; já a do segundo, devido ao aspecto viral do seu pronunciamento. Neste sentido, então, é que optamos pelo banimento do pastor batista Ed René Kivitz dos quadros da Ordem de Pastores Batistas, seção São Paulo (OPBB-SP); e do Pr. Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek, forçado a renunciar a presidência da Convenção Batista Carioca (CBC). Além destes lembramos os casos dos pastores Edvar Gimenés, radicado em Pernambuco, e que foi demitido da função de diretor executivo da Convenção Batista de Pernambuco após se posicionar contra os equívocos da nota da CBB no episódio do presidente da CBC; e do pastor Usiel Carneiro, da Igreja Batista em Mata da Praia, Vitória (ES), cujo ministério vem sofrendo uma perseguição implacável de setores fundamentalistas dos batistas, com acionamento do poder Judiciário.

Em comum, nessas quatro figuras pastorais, está a opção política pela esquerda ou centro-esquerda; a oposição sistemática a reeleição de Bolsonaro; a sólida formação teológica; a visibilidade ministerial e a localização em pontos nevrálgicos da trajetória batista, possibilitando a amplificação do recado denominacional, uma vez imposta a sanção pela liderança denominacional, aos divergentes. Ao voltarmos nossa atenção para os dois casos escolhidos tencionamos registrar e evidenciar o insuperável conflito instalado pelos fundamentalistas, bem como registrar o elevado grau de infiltração na cúpula das diferentes denominações evangélicas no Brasil.

⁴³ CLAREMONT, 2023, p. 36.

*O Caso Kivitz*⁴⁴

Conhecido pregador, pastor da que possivelmente seja a maior Igreja Batista da Convenção Batista do Estado de São Paulo (CBESP), Kivitz vinham gerando desconforto há algum tempo entre seus pares paulistanos, devido às suas posições teológicas esboçadas no púlpito da Igreja Batista de Água Branca (IBAB), na capital paulistana, marcadas por um flerte com a heterodoxia. Todavia, conquanto o desconforto continuasse a existir, não se esboçou qualquer sanção ao pastor da IBAB, até o final de 2021.

O que mudou para que houvesse essa ação?

Basicamente duas coisas: a infestação fundamentalista nas estruturas de poder dos batistas brasileiros, fruto do que vimos ter sido o investimento estadunidense e do recolhimento dos líderes moderados que não queriam se desgastar nesses exaustivos ambientes denominacionais; principalmente o respaldo da extrema direita política que ascendera ao poder em 2018. Sua censura, sua exclusão do rol de membros da OPBB-SP, antes de ser um ato revestido de caráter doutrinário, foi um ato ideológico, político. Kivitz não se deixou enfeitiçar⁴⁵ pelo bolsonarismo como opção política e, menos ainda, como confissão de fé.

A alegação de que ele tinha ferido a hermenêutica bíblica ao falar em uma de suas mensagens sobre a necessidade de atualizar o texto bíblico⁴⁶ para que se evitasse o seu uso na promoção da violência contra o próximo, não se sustenta. Primeiro, porque foi retirada uma pequena parte de todo seu contexto homilético. Segundo, porque sua defesa apresentada em documento de quase trinta páginas, sequer foi considerada. Kivitz era um recado a ser dado para os quadros denominacionais, uma influência a ser extirpada por conta de sua não adesão ao projeto de poder vigente entre 2016-2022.⁴⁷ Seus anos de ministério; suas contribuições à liderança batista paulista nos mais variados e tipos de eventos, de nada serviram no momento em que ele entrou na alça de mira fundamentalista.

Kivitz foi cravado de modo cruel. Para sorte do pastor paulistano, a liderança dos pastores batistas não conhece Friedrich Schleiermacher. Ao carimbar Kivitz com o selo da heresia, sua fala foi impulsionada, o que pode ser notado pelo crescente compartilhamento dos seus cortes de mensagens, inclusive por não cristãos, e também pelas centenas de milhares de pessoas que assistiram seu vídeo autoexplicativo sobre sua exclusão da OPBB-SP.

O Caso Dusilek

⁴⁴ Sugerimos como atualização sobre o acontecimento o TCC de: LOPES, Ana Hortência Moreira. **Estado de “Ascensão”: O Fundamentalismo Religioso Cristão e a Biopolítica durante o Governo Bolsonaro**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em História, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2024. 100p.

⁴⁵ Conquanto a tradução usada nas versões em português do texto paulino em Gálatas 3.1 tenha optado por termos mais brandos como fascínio, a palavra no grego é contundente e significa feitiço. Algo dramático, se considerarmos que as comunidades da Galácia, destinatárias primeiras do texto, eram compostas de cristãos.

⁴⁶ Recomendamos a leitura do seguinte artigo: RAMALHO, Walderez; MARQUES, Mayra de Souza. Disputas em torno da palavra “atualização” no campo evangélico brasileiro (2020-2021). **Revista de Teoria da História**. v. 25, n. 2, p. 166-184. UFG, 2022.

⁴⁷ Um primeiro estágio desta perseguição se instalou logo após o golpe (termo usado por Michel Temer) parlamentar que tirou a presidente Dilma Rousseff da presidência da república. Para tanto, sugerimos a leitura da seguinte tese: SOUZA, Natanael Francisco de. **Diálogos Evangélicos: teologias do Sul e liturgias de ministros do Mistério de Cristo**. Tese de Doutorado em História Social, USP. São Paulo, 2022.

Se Kivitz tinha contribuições à denominação batista, a trajetória de Dusilek mostra seu envolvimento com a estrutura batista. Seus pais foram, em várias ocasiões, membros de Conselhos e Diretorias de Convenções Batistas. O próprio Dusilek liderou a Junta de Mocidade Batista da CBB durante um período de pouco mais de quatro anos. Neste sentido, sua nova inserção na estrutura batista pelo Conselho da CBC em 2020 e na sua presidência em 2021, não deveriam ser lidos com surpresa. O mesmo não pode ser dito sobre a recepção desta notícia por setores denominacionais comprometidos com o extremismo religioso e político.

A resistência vinha desde 2020, quando as duas inserções de Dusilek na assembleia da CBB em Goiânia foram marcadas e rejeitadas, sob a sombra de “prática esquerdista”. Tratava-se, então, do desagravo em favor do Pr. Marco David, deselegantemente desconvidado para uma mesa sobre racismo realizada no Congresso da Juventude Batista Brasileira (o chamado *Despertar*) em julho de 2019 na Igreja Batista Atitude (Barra da Tijuca, RJ) e na confecção da chamada Carta de Goiânia, quando integrou um GT que preparou o tradicional pronunciamento da CBB para a sociedade. De modo interessante e análogo ao caso Kivitz, justamente a Carta não divulgada foi a que teve maior repercussão. Isto porque, uma vez apresentada em plenário na sua versão final, tornou-se impossível restringir sua circulação pelas redes sociais.⁴⁸

Ao declarar seu apoio pessoal a Lula⁴⁹ e usar o tratamento da primeira pessoa no plural uma única vez no Clube Tamoio, em São Gonçalo (RJ), referindo-se ao ginásio lotado que ali estava, Dusilek sofreu o massacre de uma organização de joelhos para o fundamentalismo. Nem o regramento institucional foi respeitado, o que pode ser visto nas muitas notas institucionais produzidas contra ele.⁵⁰ Sua crucifixão não ficou restrita à sua renúncia: sua igreja sofreu ataques virtuais nas redes contendo *fake news* (como pode ser visto na imagem abaixo no comentário feito na página da igreja (veja o logo no canto superior direito) no Facebook, no perfil do diácono batista, vereador pelo PSDB na cidade de São Caetano do Sul), além dele próprio sofrer ataques e ameaças de violência física.

Imagem 9, Comentário no Facebook da Igreja Marapendi.⁵¹



⁴⁸ Posteriormente o próprio Dusilek adaptou a Carta de Goiânia colocando-a no formato de texto e enviando para publicação no OJB – O Jornal Batista, o que aconteceu em Junho de 2021.

⁴⁹ GOMES, Nataniel dos Santos. Protestantismo, Política e Fundamentalismo: uma conversa com Sérgio Dusilek. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 49, n. 02, p. 79-88, jul./dez. 2023.

⁵⁰ DUSILEK, 2024b.

⁵¹ Igreja Batista Marapendi, Facebook, 10/09/2022; print tirado na mesma data.

O vídeo editado e legendado com sua fala viralizou. O resultado foi a desproporcional violência simbólica e o real risco (ameaças) que sofreu. O mesmo fundamentalismo que adota o discurso de defensor da família, não se preocupou com as famílias envolvidas no episódio. Afinal, para estes, o dogma está acima da vida.

O que ambos os casos retratam é que a violência não ficou restrita aos códigos e ao simbolismo de certas ações e, porque não dizer, inações denominacionais. Por mais estranho que possa parecer, teve curso no meio das denominações evangélicas uma perseguição religiosa contra pastores considerados como hereges, com uma distinção: agora, o ponto de toque não era o doutrinal, mas sim a opção política. Quando a política é tratada como um sistema de crenças, como uma religião, o resultado é o fanatismo. Neste sentido, é possível falar em uma inquisição no seio das denominações evangélicas, uma vez que não ficou restrita ao redil batista.⁵² Foi a sociedade civil que notou e denunciou a desproporção, a insensatez e o descalabro de tal perseguição.

Considerações finais

Não é só da legitimação da violência que se trata o discurso fundamentalista; é também da sua promoção.

Neste sentido é que o presente artigo, após fazer um percurso introdutório oferecendo a possibilidade de profícuo diálogo entre os estudos de religião e as HQs, mostra como se deu o investimento estadunidense no Brasil nas suas duas últimas ondas de promoção do discurso fundamentalista. A primeira iniciada na década de 1980 e a segunda no início dos anos 2000. Esta última implementada com maior eficácia devido a adoção de uma estratégia de doutrinação das lideranças no que chamamos de vibração *subwoof*.

O descortinamento da violência por detrás do discurso fundamentalista através de sua exposição na HQ *Deus ama; o homem mata* foi evidenciado. Ele pode ser visto tanto na representação oferecida na HQ de como o extremismo encontra espaço em seus promotores, assim como no uso da comunicação em massa, como no caso do televangelismo, para sua propagação.

Sugerimos também, ao apontar um erro crasso na representação artística do personagem Noturno, que tal equívoco mantido em diferentes edições no Brasil pode ter sido fruto de uma ação deliberada ou mesmo de um ato falho na hora da caracterização do personagem, em seu mais destacado enquadramento. Sendo assim, a dimensão violenta do fundamentalismo na HQ supracitada não estaria presente somente na sua representação, mas também no seu processo de edição. A arte sequencial, deste modo, sofre os efeitos do extremismo, assim como as mais diversas instituições, sejam religiosas ou da sociedade civil, são afetadas. O mesmo aconteceu com o filme que retira o caráter religioso e a condição de televangelista de Striker, mantendo-o somente como um militar.

Finalizamos apresentando dois rumorosos e midiáticos casos de violência simbólica e real a partir do estranho espírito inquisitório que se instaurou entre os batistas

⁵² Entre os casos com maior divulgação, além dos citados, estão: a) o reformado Ariovaldo Ramos (2016); b) o luterano Inácio Lemke (2018); o presbiteriano Antônio Carlos Costa (2021); os músicos Leonardo Gonçalves (adventista) e Kleber Lucas (batista independente), ambos em 2022; o assembleiano Nilson Gomes (2022); os batista Uziel Souza (2022) e Edvar Gimenes (2022).

da CBB. Trata-se do espelhamento na realidade da violência retratada na arte. A estranheza reside não só em um grupo oriundo do protestantismo praticar atos inquisitórios, como também deles serem levados a termo em um segmento que desconhece o que seja o magistério teológico. Aliás, os batistas se formaram e expandiram no país com uma pregação anticatólica. A explicação para tal excrescência é que faz parte do fundamentalismo o paradoxo, não a coerência.

Ao apresentarmos esta pesquisa, pretendemos contribuir com duas sinalizações principais. A primeira, que indica que toda diversidade está em risco devido ao violento impacto formatador que a proposta fundamentalista traz em seu bojo. A coercitividade não conhece limites, nem a influência de lideranças. O projeto é de compactação, de enquadramento, de confinamento a uma moldura que descaracteriza e despersonaliza o Evangelho de Jesus.

A segunda, por sua vez, aponta para o reforço que o discurso fundamentalista traz para o exercício da violência. Sem mergulhar no mundo real, tampouco oferecer possíveis soluções ou encaminhamentos para as questões que tensionam a sociedade, o fundamentalismo reforça o caminho da violência e a negação do mais necessitado como enfrentamento das causas reais. Somado a isso está o caráter abonador que o discurso religioso de cunho fundamentalista possui para a violência sentida e praticada. O processo de cauterização das consciências por um discurso religioso alienante pode conduzir a sociedade para uma espiral de violência sem fim. Será este o nosso futuro?

Referências

- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **A palavra marcada: teologia política dos batistas segundo O Jornal Batista**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1983. 404p.
- CASTRO, Alexandre de Carvalho. **A Sedução da Imaginação Terminal: Uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano**. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003.
- CASTRO, Alexandre de Carvalho; DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; SILVA, Clemir Fernandes da. Identidade Social, Mídia televisiva e construção histórico-cultural da Memória Coletiva: o caso de um movimento sócio-religioso no Brasil. **Religiao & Sociedade**, v. 36, p. 74-102, 2016.
- CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). **Fundamentalismo Religioso Cristão**. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021.
- CLAREMONT, Chris. **X-Men: Deus ama, o homem mata** – edição estendida / roteiro por Chris Claremont; arte por Brent Anderson; tradução por Érico Assis. Barueri, SP: Panini Brasil, 2023.
- CLAREMONT, Chris (argumento). ANDERSON, Brent (arte). **X-Men – conflito de uma raça**. Série Graphic Novel. São Paulo: Abril, 1988.

- DIAS, Ivan; BARBOSA, Wilmar. **Religião e Política nos Estados Unidos: Jerry Falwell e a presença do fundamentalismo evangélico no espaço público americano**. Curitiba: Prismas; Appris, 2019.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Tempestade perfeita: a emergência do bolsonarismo e o movimento evangélico no Brasil. In: BARROS II, João; SPYER, Tereza; VALLE, Vinícius do (orgs). **Cruzadas Contemporâneas: política e guerra cultural evangélica no Brasil**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2024a. p. 57-85.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Os Batistas da Convenção Batista Brasileira e as eleições de 2022: Um Caminho de Difícil Retorno. In: DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise. **A Noiva sob o Véu: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas eleições de 2022**. Rio de Janeiro: Menocchio, 2024b. p. 21-60.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. A Resistência. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). **Fundamentalismo Religioso Cristão**. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021a. p. 117-135.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. A Contribuição Estética de Erich Auerbach para a Recepção da Literatura Bíblica e para as Histórias em Quadrinhos. IN: SIMÕES, Darcília; GOMES, Nataniel. **Ensino de línguas e histórias em quadrinhos**. Jornada 5. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dialogarts 2021b. p. 92-129.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. SECARAM O OÁSIS: Gestões e In-digestões da res Batista no caso e o caso do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 44, p. 180-206, 2018.
- FAJARDO, Alexander. Fanini: pastor, empresário de mídia e amigo dos militares. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Bôas do; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; SOUZA, José Roberto de. (Organizadores). **Lideranças protestantes no Brasil: ensaios biográficos**. Recife: Editora UFPE, 2015. p. 303-323.
- FOSDICK, Harry Emerson. **The Modern use of the Bible**. New York: The Macmillan Company, 1961.
- GOMES, Nataniel dos Santos. Protestantismo, Política e Fundamentalismo: uma conversa com Sérgio Dusilek. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 49, n. 02, p. 79-88, jul./dez. 2023.
- NORTH, Gary. The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right. In: James B Jordan. **The Failure of the American Baptist Culture**. Christianity and Civilization. N° 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 1-40.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.
- RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira**. Salvador, BA: Sagga, 2024.
- SCHIRACH, Klaus von. In: LEBERT, Norman & Stephan. **Tu Carregas Meu Nome: a herança dos filhos de nazistas**. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SINGER, Brian (direção). **X-Men 2**. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2003. 134 min.